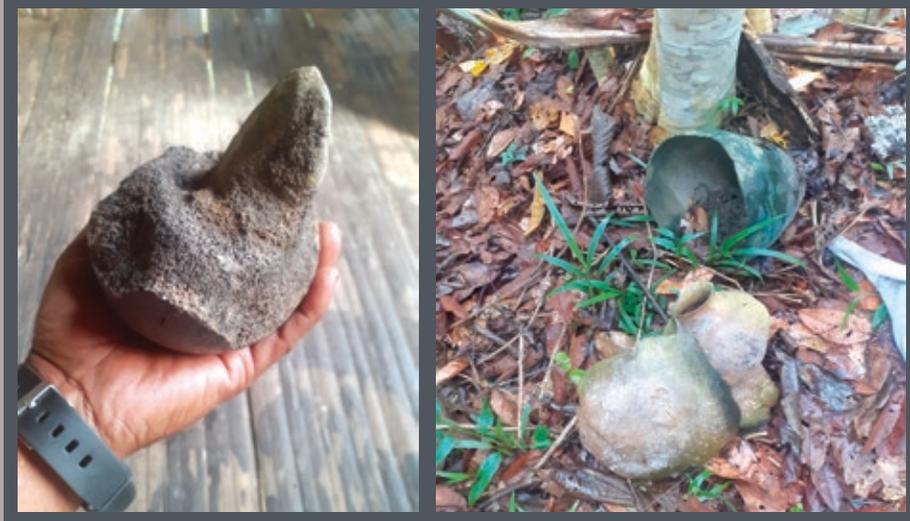
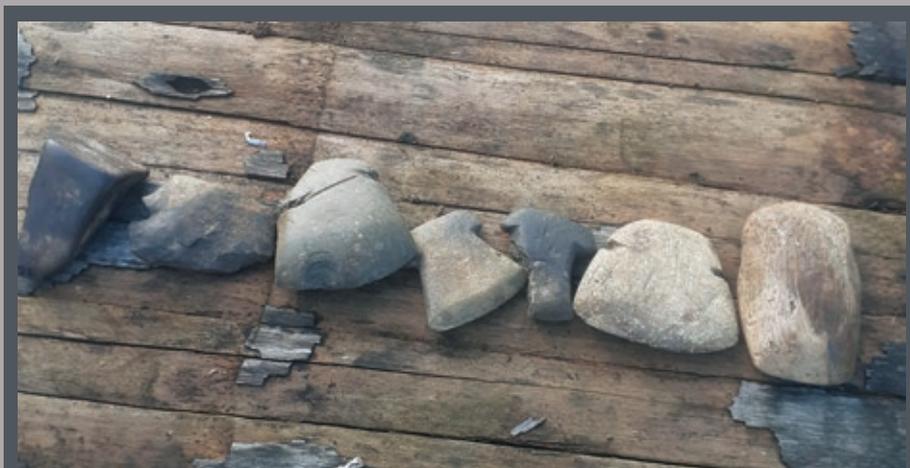


NAWE EWANI, NAWE WANIBU, KÊTXA PAKESH NATIÃ ANIBU HENE NAMAKIA INÛ MANAKAYÃ NUA



CAPOEIRAS ANCESTRAIS E VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS NAS MATAS DO RIO BREU

José Luís Henrique Bixku Huni Kuĩ

A Formação de Agentes Agroflorestais Indígenas (AAFI) é uma ação de formação profissional de jovens e adultos de diferentes povos e regiões do estado do Acre. Visa a gestão territorial e ambiental de seus territórios e do entorno. Desde 1996, este programa educacional é desenvolvido como parte das estratégias do Programa de Gestão Territorial e Ambiental da Comissão Pró Índio do Acre (CPI-Acre). Faz parte de um trabalho mais amplo de apoio ao Acre Indígena nos vários aspectos de suas demandas políticas atuais. Por meio dessa linha de trabalho, pretende-se dar subsídios para que os próprios membros das comunidades indígenas locais possam refletir, intervir e oferecer as possíveis soluções aos distintos problemas socioambientais existentes em suas terras. Considera-se especialmente importante a expressão e o registro dos aspectos culturais de sua compreensão do ambiente pela discussão das técnicas tradicionais e dos saberes diversos entendidos nas suas complexas relações “homem-natureza”. Prioriza-se neste trabalho educativo a formação das capacidades e competências para a gestão territorial e ambiental das terras indígenas, e a extensão rural que compreende o uso, o manejo e a conservação dos diferentes recursos naturais e agroflorestais que essas sociedades utilizam no seu dia a dia.



**NAWE EWANI, NAWE WANIBU,
KÊTXA PAKESH NATIÃ ANIBU HENE
NAMAKIA INÛ MANAKAYÃ NUA**

**CAPOEIRAS ANCESTRAIS E VESTÍGIOS
ARQUEOLÓGICOS NAS MATAS DO RIO BREU**



*Fragmento de cerâmica antiga e cerâmica atual Huni Kuí.
Foto José Luís Bixku.*

COLEÇÃO SABERES DA FLORESTA | PESQUISA INTERCULTURAL

NAWE EWANI, NAWE WANIBU,
KÊTXA PAKESH NATIÃ ANIBU HENE
NAMAKIA INÛ MANAKAYÃ NUA

CAPOEIRAS ANCESTRAIS E VESTÍGIOS
ARQUEOLÓGICOS NAS MATAS DO RIO BREU



José Luís Henrique Bixku Huni Kuĩ

AMAAIAC | CPI-Acre

2023

Copyright - José Luís Henrique Bixku Huni Kuĩ

Realização

Associação do Movimento dos Agentes
Agroflorestais Indígenas do Acre - AMAAIAC
Comissão Pró Índio do Acre - CPI-Acre

Edição e revisão técnica

Renato Antonio Gavazzi

Revisão

Joaquim Mana Huni Kuĩ (língua Hãtxa Kuĩ)
Nietta Lindernberg Monte (língua portuguesa)

Ilustração

José Luís Henrique Bixku Huni Kuĩ

Diagramação

Lumina Comunicação & Arte

Agradecimento

Gisela de Andrade Brugnara
Daniela Marchese (Orientadoras da pesquisa)
Rafael Lopes Alódio

Coordenador da AMAAIAC

José Marcondes Rosa

Coordenadora Executiva da CPI-Acre

Vera Olinda Sena de Paiva

Coordenadora do Programa de Gestão Territorial e Ambiental

Julieta Matos Freschi

Comissão Pró Índio do Acre - CPI-Acre

Estrada Transacreana, Km 8 - cx. postal 61
CEP 69.900-970 - Rio Branco, Acre
E-mail: institucional@cpiacre.org.br
www.cpiacre.org.br



AGRADECIMENTO

Primeiramente, vou agradecer ao Yuxibu, o nosso pai que fez esse mundo. Depois eu vou agradecer as professoras indígenas com quem eu aprendi como aluno. Vou agradecer também à minha comunidade, à minha mãe e ao meu pai, meus irmãos, meus filhos, minha esposa, que me ajudaram nesse trabalho de agente agroflorestal.

Quero agradecer também aos meus assessores que vieram para a terra indígena e eu aprendi muito com eles durante o planejamento do plano de gestão. Através desse plano nós cuidamos da nossa riqueza e da nossa vida.

Agradeço a CPI-Acre que me deu a possibilidade de fazer intercâmbios para conhecer mais. Também agradeço esse espaço, o Centro de Formação dos Povos da Floresta da Comissão Pró Índio do Acre aqui em Rio Branco com os professores que cuidam dos povos indígenas e são os nossos parceiros. São eles e os meus orientadores como a Dani, a Gisela e o Renato, que nos ajudam nos nossos estudos e todas as outras professoras(es) que me ensinaram muitas coisas.

Quero agradecer à minha terra indígena, ao meu cacique, que me deu a possibilidade de fazer esse trabalho. Vou agradecer também ao meu presidente e ao meu primeiro professor, Fernando Henrique, que me permitiu avançar nesse estudo. Porque me ensinou a escrita, a leitura e até agora ele me permitiu finalizar o meu estudo. Foi ele que me deu essa mensagem para eu poder chegar até aqui no Centro de Formação.





José Luis com sua esposa e filha. Foto: Paula Romualão.

Sumário

9 APRESENTAÇÃO

13 CAPÍTULO 1: Minha história de vida

17 CAPÍTULO 2: Minha pesquisa: estudo sobre florestas culturais

18 1. Porque eu resolvi pesquisar esse tema

19 2. Seguindo o fio das minhas caminhadas pela mata

25 3. Quem ajudou nessa pesquisa

26 4. Histórias do meu povo que explicam os achados

29 CAPÍTULO 3: Identificação de capoeiras e vestígios arqueológicos

29 1. Descrição dos vestígios encontrados e mapeados

30 2. Desenhos de vestígios

34 3. Quadros de vestígios arqueológicos

38 4. Mapas mentais da localização dos vestígios

39 CAPÍTULO 4: Conclusão



YUI TESE

Hawērua uīkī ē akima, haska nimerā nishū shenipabu haburukū hiweshū baiwa paunibu, nawe manakaia nurā; na kētxa pakesh inū, na mākā ruwe, na mai mexu inū, haska uīkī ē akimaki. Nukū beyarā habia merā nū ikaki hiweirā, huni kuī hiwea burā haska ipunibuki; hanu nawā hutu betxiriamarā, raya paunibuki, harabesma rayawakinā hati apaunibuki. Habia huni inū, aīburā na mapu kētxawakī, na maiti wakī, shēpā pixīwakī, payatiwakī, txitxāwakī, risi keneyawakī, haskaya hunī mimā xarabu na apaunibuki: nena sepatiwakī, txarawakī, xukitiwakī, nena sepatiwakī, haskawa kuberā xinabuki. Rayawakī haska inū, ni mekekī, na hene nani mekekī, hatu utawa kinā, bari kuī meama ikatsirā, na eskatianā, ni ibu rayakinā, rasibis nū mekekī, nū akubirānai na eskatianā. Nukū raya nawabū nuku unātiwa kanikiki; habia mae rasibis uīshanūbū ē akai hariri xinakī kenekīnā, matu yuinū nīkakawē, habia rasibisbu; yumbū una shubua merāshū hatu yusi kubaī shanubunā, haska inū, ana hamē nū raya katsi ikamaki. Na eskatianā nuku “governo” manakuikiki, pewa nū ki ikai, haskarā hati nū huni kuī hiweaburā, hene rebu kiri nū hiwea burā na hene mai kiriabu inū, haska inū, nawabū nuku manakukī pewabu, nū iki ikai peki, uīra kawē, nuku haska merabewaburā haska inū, huni kuī haska nenu na hene rebuki nū hiweburā hanu shukua nū hiweshū nū rayawa kanairā atikirā.

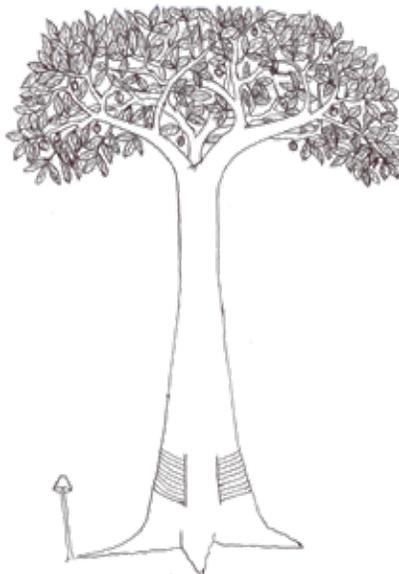


APRESENTAÇÃO

Eu escolhi fazer essa pesquisa sobre florestas culturais e a arqueologia indígena para minha monografia porque acho que é um estudo importante para os indígenas e também para o mundo de fora. Antes da chegada dos brancos, a gente fazia muitas coisas, muitos trabalhos de agrofloresta, construções de casas, sabia acender o fogo, fazia muita cerâmica, terçado de paxiúba e outros instrumentos.

Hoje, o nosso trabalho como Agente Agroflorestal Indígena (AAFI) é manter e cuidar da floresta. Se não tem a floresta, a terra vai secar. A floresta mantém a água, faz sombra, não faz muito calor dentro dela, ela ajuda a controlar o clima do planeta. Queremos mostrar o nosso trabalho e queremos que seja reconhecido. Recebemos do Governo um recurso que é uma bolsinha que não dá para nada e dizem que é para nós cuidarmos da floresta.

Eu gostaria que essa pesquisa fosse publicada para que as pessoas possam entender meu estudo e meu trabalho.





A mãe do José Luiz fazendo cerâmica. Foto José Luiz Bixku



Cerâmica Huni Kuĩ
Foto José Luis Bixku



Cerâmica Huni Kuĩ
Foto José Luis Bixku



Vestígio arqueológico
Foto: José Luiz Bixku



Vestígio arqueológico
Foto: José Luiz Bixku

CAPÍTULO 1

Minha História de Vida

História da minha vida: vou contar um pouco da minha caminhada de vida.

Eu nasci no dia 29 de novembro de 1978, eu sou José Luís Henrique Bixku Huni Kuĩ. Nasci no seringal Boa Vista no rio Jordão. O nome do meu pai é Tuĩ Rua Bake na língua indígena e na língua portuguesa é José Marceno Kaxinawa. Ele nasceu no dia 26 do mês de agosto de 1936 no seringal Duas Nações, no igarapé Jade. O nome da minha mãe na língua indígena é Ayani Inani, na língua portuguesa é Lídia Henrique Kaxinawa, nascida no dia 15 do mês de agosto de 1935.

Eu nasci no seringal Bondade no rio Jordão. Meu pai trabalhava com o patrão, cortava seringa e trabalhava na diária. Ele vendia borracha, couro de caça, carne de caça, couro de onça. O meu pai morou 52 anos no rio Jordão, depois saiu do Jordão para o rio Breu em 1988. Nesse tempo, eu tinha 10 anos. No rio Breu, no seringal Buchina, ficamos um ano. Nós fomos na colocação Cinerál, também moramos um ano. Nós saímos e o meu pai abriu uma colocação, Três Bocas. Em 1991, começou a acabar de cortar seringa. Depois voltamos no seringal Bunán, passei 3 anos. O meu pai não tinha mais como cortar seringa e depois só trabalhava na agricultura. Em 1991 eu tinha 13 anos de idade e comecei a estudar na aldeia Japinin na escola Irapuru, com o professor Josemar Samuel Kaxinawa. Eu estudei durante 2 anos, aprendi a escrever e a ler. Em 1993, nós saímos da colocação Bunán para ir para a aldeia Vida Nova, no dia 25 de maio me matriculei na escola Rainha da Floresta e estudei com o professor Fernando Henrique Kaxinawa até a quinta série. No ano de 2001 a comunidade me escolheu para ser suplente do agente agroflorestal. Eu não queria ser AAFI, porque eu achava que não tinha estudado bastante português, mas a comunidade me encorajou, assim eu aceitei.

No ano de 2004, eu fui participar do meu primeiro curso de AAFI na aldeia Apiwtxa. O curso foi organizado pela CPI-Acre e era sobre manejo e criação de melíponas e quelônios. Nesse mesmo ano, eu participei também do etnomapeamento da minha terra indígena organizado pela CPI-Acre. No final do ano, eu fui participar de um curso de AAFI na aldeia Jacobina. Nesse curso eu

aprendi a fazer e ler mapas, eu aprendi a fazer sementeira e viveiro. No mês de agosto desse ano, a minha comunidade resolveu deixar a aldeia Vida Nova e mudar para dentro da Reserva Extrativista do Alto Rio Juruá, onde a minha comunidade se dividiu em 3 aldeias. Eu fui morar na aldeia Glória de Deus que a gente abriu. Eu fiquei como AAFI dessa nova aldeia.

No ano de 2005, chegou o Gleyson, assessor da CPI-Acre, para fazer uma assessoria na minha aldeia. No ano de 2006, participei de outro etnomapeamento da minha terra na aldeia Cruzerinho. Nesse mesmo ano, eu acompanhei uma reunião sobre mudança climática na aldeia Vida Nova.

Em 2009, chegou o Adriano da CPI-Acre, para fazer uma outra assessoria sobre o plano de gestão: fizemos vários mapas mentais, levantamento de plantas nos Sistemas Agroflorestais (SAFs), reuniões com a comunidade.

Em 2011, a última assessoria foi com o Victor, nessa oficina se reuniram pessoas da TI do Jordão e Breu, também representantes dos povos Nukini, Katukina, Poyanawa e pessoas da Reserva Extrativista e também parentes do Peru, os Yanisha. Nessa assessoria, fizemos troca de sementes e eu recebi material para trabalhar nos SAFs. Depois o Victor foi visitar a minha aldeia, ele viu que as plantas do SAF estavam já produzindo. Ele ficou impressionado com o trabalho que eu tinha feito na minha aldeia e disse que eu podia participar do curso e receber a bolsa. No dia 9 de junho de 2009, eu fui chamado para participar do curso no Centro de Formação da CPI em Rio Branco. Nesse curso eu aprendi bastante sobre a criação de peixes, de aves, de animais silvestres e domésticos, mas a parte que me interessou ainda mais foram as aulas de Arqueologia Indígena que iniciaram no curso em 2015.

Desde que eu era pequeno, eu achava vestígios arqueológicos na mata e nos igarapés, mas nessa época eu não sabia que eram vestígios arqueológicos porque nunca tinha estudado essas coisas.

Nas aulas, eu aprendi muitas coisas. O professor do curso perguntou se a gente tinha encontrado algumas coisas: eu contei para ele que eu tinha encontrado machadinhos de pedra, pedaços de cerâmica e pão do índio. Então o professor falou que era para eu ficar atento e ver onde tem esses vestígios, identificar os lugares para o ano que vem contar no curso.

Eu voltei para minha aldeia e fui pesquisar. A primeira coisa que eu achei foi um machado de pedra mesmo dentro da aldeia. Então eu perguntei para o meu pai se ele tinha achado alguma vez. Ele disse que tinha encontrado muitos

machados, pão de índio, mas nunca tinha interesse porque não tinha estudo e ele trocava esses vestígios com padres que, em troca, davam para ele painéis, cobertores ou dinheiro. Eu falei para ele que esses vestígios eram parte da identidade do nosso povo e que era importante para nós ficar com eles.

Eu fui pesquisar quando ia na floresta para caçar, mas também fui pesquisar mesmo andando muito na mata e nos igarapés. Eu também pesquisei com as pessoas das outras aldeias da minha Terra Indígena, perguntando para eles se tinham achado vestígios. Assim eu soube que no Japimim, quando foram atrás de mudas, eles acharam um pote perto de um igarapé na época da assessoria do Victor. Na Aldeia Cruzerinho eles disseram que tinham achado um potezinho e um machado de pedra. Também na Morada Nova tinha muitos pedaços de vestígios. Eu perguntava aos parentes vizinhos de outros povos, Arara, Apurinã, e eles me falavam que também encontravam vestígios de pote inteiro e em pedaços em região de capoeira. Então eu pensava: “Aqui tinha muitos índios do tempo de antes de Cristo”. Eu ia pesquisar com o meu irmão andando pela mata, seja na parte do Brasil, seja na do Peru. Em uma parte do Peru, eu achei uma área que tinha só cipó alto e eu pensei que aí tinha sido um lugar onde o pajé morava. Quando eu ia caçar, andava uma hora observando a floresta e como o *Kuxipa* fez. Eu me sentava um pouco e pensava no mundo: “*Kuxipa* fez a floresta, a terra e os animais, o ser humano”.

Hoje em dia somos outra geração, temos contato com o nawa e temos todo o material do nawa, que é diferente do nosso, que não tem química, não polui, não tem nada de impacto. Tem material que produzem as mulheres e material que produzem os homens. O material da mulher nunca acaba, são cerâmicas que duram milhões de anos. Eu pensei: “Aqui estamos na Reserva, o nawa queria que nós fôssemos para trás, mas nós não vamos sair não. Aqui a terra é nossa, é tanto do branco como do índio, mas nós temos que cuidar e procurar o direito de morar aqui”. Assim eu comecei a andar longe, dentro da Reserva, no igarapé que se chama Agapó, na terra baixa, na terra alta, e eu encontrei esse material dos parentes de antigamente.

Quando voltei para o curso, comecei a contar essa história e o professor disse que eu devia ficar com essa pesquisa.



*Vestígios arqueológicos achados na TI Kaxinawa
Ashaninka do Rio Breu. Foto José Luis Bixku.*

CAPÍTULO 2

ISHŪ KENEKINĀ: NI BEYA XARABU Ē AKIMAKI

1. Haskakī haska beya ē beruimamē.

Huni Kuī hiwe pau nibu haska, ē uī kakeimaki; pashku nemakiarā haska inū, manā kayā nuarā, piaya nikī ē betxi kakeimaki. Haskakenā hanu nukunabu hiwe pauniburā, hanu hene karabekei ini anurā; hiwe pauniburā hatianā, rasibis pe ipaunibuki, yuinaka mema inū, ni mema ipaunibuki. Hawa isī tenei ikama, hiwei pei ipaunibuki, hawa txakabui ikama hatū ni mekekī, yuinaka mekekī, na hene inū, mai ruawa paunibuki, haskai rayai pei ipaunibuki. Hawa txakabua baunama, yuinaka tsaka, tsaka akama ni rera, rera akama ipaunibuki, habianu hatu meama manikē, rayawa kinā naxarabu apaunibuki: huninā mimakinā, na apaunibuki txararā binurā, kanūnā, kukirā, nena sepati inū, kēpax kinā, shaxiwaki, na hiwewakinā, baiwakinā, kakā wakinā, kaki wakinā, apunibuki. Hamē aību narā naki mimanā: txitxanā, payatirā, pixinā, mai ketxawakinā, ketxawa kakekinā, haskakē na txitxā inakinā, iskū anikiaki, hamē ketxa inākinā, shakū ani kiaki inākinā. Hawaki bawashū pitimakē, haska inū, nuī ipauni kiaki, mapu iburā, hanu baiteirā nuku Huni kuī nū pe ipaunibuki, hanus shukua hiweirā, benimai ipaunibuki, mitutā shukua na katxa nawai, na txirī, na bunawairā, ni-xpu pimairā, pakarī ikirā, haskai ipaunibuki hiweirā, hene kesha ikama pashku rebuki manākayā besti, ikubirā nabuki haskai hunibu rayai ikubirā xinabuki. Hatu na xarabu akū birā xinabuki: txarawakī, kanū wākī, binu wakī, haxi wakī, nena sepati wakī. Haskawakinā hawē mitukatsi inū, hawē raya kitsi apaunibuki. Haswakinā na apaunibuki: banī inū, nena inū, kūta tashu inū, kukiwakī, matsuti wakī, kakā wakinā, kaki wakinā, kēpax wakī, xiwati wakī, shau xarabu hawē reshū itiwakinā, pei maiti wakī, heshe teutiwakinā, hatiki hunī mimanā hatiki. Hanua baiwakinā, hiwewakinā, haskai hiwe kubiranabuki, haskai na eskatiā ē betxi tuxi maki, keyu timarā, na kētxa pakesh natiā aniburā, uī kubirākī hanu haska nushū, hene hushupa nushū yusinā nuku kene nuku uīmākī, nuku uīkī; “cursu” ni ibu raya nushū na una shubu hanua Huni kuību meniti anurā, na cpi/yanushū ē xinā tuxikī, ē akimaki na kene kinā hatiki.

A minha pesquisa: Estudo sobre Florestas Culturais YUKA

I. Porque eu resolvi pesquisar este tema

Eu resolvi pesquisar este tema porque esses vestígios de cerâmica, flechas, machadinhos, pão de índio, que tem na área campestre, floresta, capoeira, fazem parte da nossa riqueza, sabedoria e da nossa história, que vou contar um pouco.

Muitos, muitos anos atrás, antes de Cabral, os índios trabalhavam com agrofloresta cuidando da natureza, da floresta, da terra, da água, do ar, porque era assim que eles se sustentavam. Eles faziam artesanato com muita madeira, palmeira, terra: usar esse material faz parte da sabedoria Huni Kuĩ.

Os parentes do passado plantavam, perto da maloca, jarina, pupunha, uricuri, castanha, patoá, bacaba, murmuru e eu achei essas plantas perto dos vestígios que eu encontrei. Além disso, faziam medicina e usavam também barro para fazer cerâmica; também usavam semente, fruta, casco, folha de rainha daime. Os índios na floresta viviam tranquilos, não tinham impacto com a floresta, os animais, a fauna silvestre. Eu andava pesquisando quando fazia monitoramento. Eu andava na floresta e reparava tanto na terra baixa como na terra firme, dentro do igarapé, nas capoeiras. Uma vez eu andava caçando e saí em uma capoeira antiga. Aí achei vestígios de cerâmica, machado de pedra, pão do índio, osso gigante. Foi no igarapé onde tinha muito pedaço de cerâmica desenhada com kene dos Huni Kuĩ.

Eu consegui dar valor aos vestígios que desde muito tempo eu ia encontrando, só depois das aulas de arqueologia indígena que tivemos nos cursos de Agentes Agroflorestais no Centro de Formação dos Povos da Floresta da CPI-Acre. Por isso que eu resolvi pesquisar esse tema.

2. Seguindo o fio das minhas caminhadas pela mata

Iniciei a escrever os resultados da minha pesquisa na segunda feira, data 21 de outubro do ano de 2019, no Centro de Formação dos Povos da Floresta, da Comissão Pró Indígenas do Acre, em Rio Branco. Nome do pesquisador: Bixku Huni Kuĩ José Luís Henrique, AAFI na Aldeia Glória de Deus, Terra Indígena Kaxinawa/Ashaninka do Rio Breu.

Eu vou contar a história da minha pesquisa e a importância da floresta.

Na cultura do povo indígena Huni Kuĩ a floresta é importante porque é o lugar da nossa vida. A floresta é a nossa riqueza porque nos sustenta com a caça, com a madeira para construção de moradia e barco, na floresta tem nossa medicina sagrada, fruta, água, terra e animais. Nós dependemos dela e ela depende de nós, por isso damos importância, com muito amor, cuidando, zelando com carinho a nossa vida.

A nossa biodiversidade é a nossa segurança alimentar na floresta.

25 de setembro de 2004

Meu pai Tuĩ abriu a aldeia Glória de Deus em 2003 na Reserva Extrativista do Alto Juruá. Em 2004, andando na aldeia, achamos um machado de pedra no terreiro e eu pensei: “vou guardar esse machado, um dia vou estudar e pesquisar com alguém como morava nosso povo Huni Kuĩ aqui!”. Nesse mesmo lugar tem muitos vestígios de cerâmica de todo tipo: grosso e fino, desenhado e sem desenho, inteiro e em pedaços.

Nesse tempo, eu ainda não tinha estudo sobre geoglifos e pensei: “Como vou estudar isso?” E pensei também que aqui os parentes já viviam neste lugar há mais de 500 anos atrás.

2005

Também o meu primo achou outros machados de pedra. Ele trocou com um peruano os dois machados por dois cobertores e uma panela de quatro litros. No dia 15 agosto, eu fui caçar e para estudar a geografia, eu pensei: “Tem muita coisa passada da vida na floresta!” Caminhando no pique de caçada gas-

tei 35 minutos, andei até o igarapé Cara Preta. Eu caminhei 15 minutos e fiquei na praia escutando barulho do macaco, aí eu dei um passo e pisei em cima de vestígios de cerâmica e reparei que esses tinham desenho dos Huni Kuĩ. Eu comecei a andar subindo o igarapé por dentro dele. Tinha muitos vestígios de cerâmica quebrada, mas eu não sabia se era pedra ou se eram vestígios mesmo. Aí eu pensei: “Vou juntá-los e levá-los para casa para mostrar para a minha família”. Sempre que eu ia caçar encontrava esses vestígios lá ainda. Eu procurava esse vestígio até a cabeceira. Ajuntei talvez cada modelo de desenho, também tem cada tipo de pedaço de cerâmica desenhada. Ajuntei cada tipo de pedaço de cerâmica desenhada e coloquei em um canto.

Eu pensava sentado como foi que eu achei esse material de vestígio de cerâmica no Igarapé. Talvez antigamente os povos indígenas Huni Kuĩ viviam neste local, ninguém sabe. Depois eu pensei também: “Então vou procurar outra terra para identificar paisagens, capoeira antiga, talvez aí eu ainda possa achar mais vestígio!” Pensei que antigamente morava muita fartura de caça, peixe, floresta medicinal, no meio da riqueza, onde não tem ameaças, impacto, invasão, então o povo vivia bem. Hoje em dia não tem isso, tem ameaça às florestas medicinais, da terra, da água, poluição, é escasso em caça, aqui já passaram caçadores ameaçando animais. Então voltei para minha casa e depois do jantar eu comecei a contar para a minha família que, onde eu fui caçar, eu vi muitos tipos de pedaços de cerâmicas desenhadas, por dentro do igarapé Cara Preta, material do povo Huni Kuĩ. Esses pedaços a gente chama de ketxa pakesh. Aí meu irmão me disse: “Então esses vestígios valem como documento para fazer a demarcação da nossa terra indígena. Um dia vai servir para nós. Vamos ajuntar tudo para fazer pesquisa e vamos fazer um museu de paisagem da floresta na aldeia. Então vamos procurar em cada igarapé, fazer monitoramento de vestígios arqueológicos, capoeira antiga, também vamos pensar, fazer identificação de capoeira antiga, igarapé, palmeira etc. Depois vamos fazer um planejamento para trabalhar.

2009

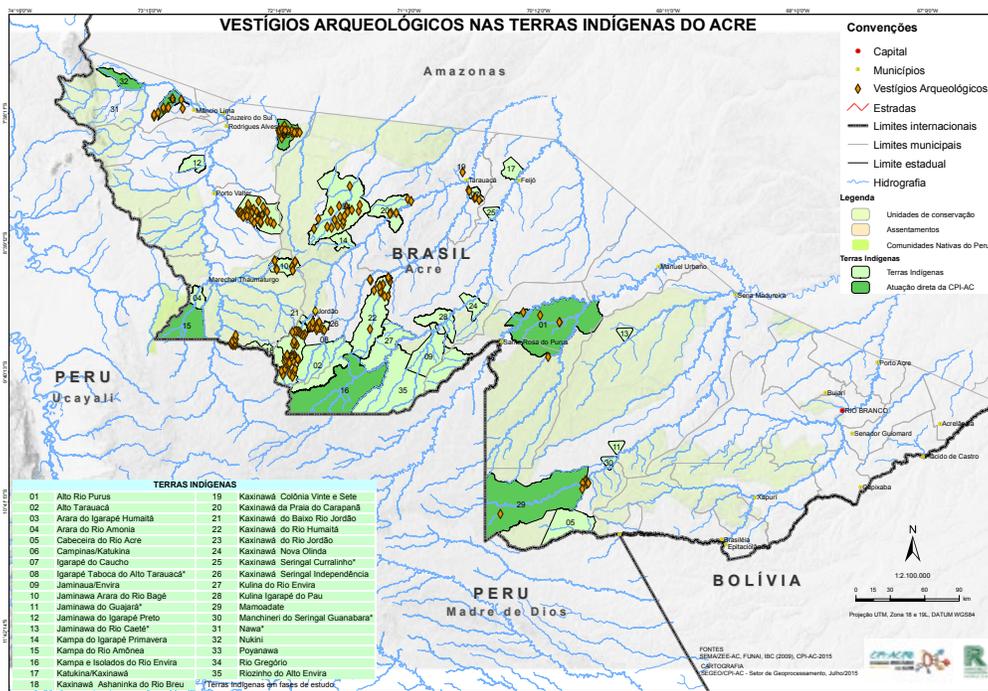
Andando na aldeia São Francisco tinha achado um machado de pedra, também um pote de cerâmica com desenho que não é Huni Kuĩ. Esse pote foi o José Maçãl Bina que o encontrou quando foi mariscar no igarapé Cara Preta. Ele viu muitos vestígios de cerâmica quebrada.

Esse machado de pedra foi Noberto Pereira Bixku Kaxinawa que achou no meio do terreiro. Estava enterrado na terra, tinha só um pedaço fora, aí foi

arrancar e era um machado de pedra que ele me mostrou. Depois foi na aldeia Vida Nova e falou com AAFI José Samuel Shane que ele tinha achado um machado de pedra. Ele perguntou aonde achou e ele falou que tinha achado na aldeia São Francisco. Shane tomou o machadinho de pedra e disse que era resto do Huni Kuĩ. Achou que o pote de cerâmica com desenho não era do Huni Kuĩ. Também, mesmo na aldeia, a uma distância de 10 minutos, tinha muito vestígio de cerâmica quebrada, no roçado, na terra firme. Nós não sabemos quantos anos tinha, mais de 600 anos. No local onde tem cerâmica moravam parentes, mas nós não sabemos sobre essa etnia.

Nesse mesmo ano a CPI-Acre me convidou para participar do curso de formação de Agentes Agroflorestais no Centro de Formação dos Povos da Floresta em Rio Branco, Acre, para fazer o meu estudo de AAFI.

Eu comecei o meu estudo no curso e fiz aula com todos os indígenas. Nós estudamos a geografia e aprendemos a marcar no mapa os vestígios. Disseram-nos que a cerâmica, a palheira, o coqueiral, os jarinais, são sinais e mostram que os índios moravam lá.



Mapa vestígios arqueológicos nas Terras Indígenas do Acre

Quando voltei para minha aldeia comecei a fazer monitoramento e pesquisa. Comecei a andar dentro de nosso pique de caçada. Minha sobrinha, descendo a ladeira, caiu em cima desse barro chamado *itxiuhs* que serve para fiar algodão. Eu vi tanta palmeira e percebi que era capoeira antiga. Tinha mais de 30 pés de shubĩ (ofê) nesse lugar e também tinha muito cocal na capoeira e no mesmo lugar tinha também cerâmica quebrada de desenho marcada com unhas. Então pensei que os parentes antigos tinham plantado para comer ou fazer remédio.

2014

Foi achando uma área de chacrona que pensei na minha mente: “Isso era área de pajé!” Tem 80 metros comprimento e 80 metros de largura. Esse local é perto da beira do igarapé Cara Preta. Também dentro do Cara Preta é cheio de vestígios de cerâmica. Depois, na frente, tem pedaços grandes e no mesmo canto tem mais de 80 pés de coqueiro. Quem plantou era para poder comer. Por isso eles plantaram muitas palmeiras porque também servem para se alimentar, servem para material de artesanato e para construção de casa.

2016

Nós fomos 5 pessoas com meu irmão no igarapé Acapu para fazer vigilância, fiscalização e monitoramento de caça, madeira de lei, medicina. Também fizemos levantamento de madeira de lei. Nós chegamos no Acapu e andamos por dentro. Vi osso gigante do dinossauro de preguiça. Também achamos um machado de pedra e muitos outros vestígios de pedra. Não tem muita fartura de caça como veado, anta, porquinho, queixada. Depois meu filho me perguntou: “Pai, porque não tem muita caça?” Eu respondi que era porque nesse lugar tem mais de 100 anos caçando, tanto nawa como Huni Kuĩ e Ashaninka, porque a carne de caça é o maior produto do nawa, por isso acabou a caça, porque teve conflitos com os animais.



Pedaços de cerâmicas encontradas no igarapé Cara Preta. Foto: José Luís Henrique Maceno Kaxinawa, 2015. Pote de cerâmica e itxiush (para afiar algodão) encontrado na capoeira. Foto: José Luís Henrique Maceno Kaxinawa, 2015.

2019

Fomos para a terra firme no lombo da terra. Lá tinha muitos pedaços de cerâmica, também nós achamos um machadinho de pedra.

Essa terra tem 300 metros de altura. Eu fui fazer um sítio e depois fui fazer uma casa, mas quando eu fui cavar para colocar o barrote na altura de 3 palmos achei um potinho enterrado. Também tinha plantadas muitas árvores de jarina, palheira e floresta crescida em uma antiga capoeira. Eu acho que poderia ter mais de 400 anos. Eu acho muito interessante porque é distante da água e esses parentes moravam na terra firme.

Antigamente os índios não moravam na beira do rio e de igarapé, era o costume deles.

2020

Vestígios arqueológicos – cerâmicas diversas encontradas a três palmos no fundo da terra. Estava fazendo buraco para fazer um acampamento para brocar o roçado, 40 minutos da aldeia, próximo das palheiras. Os vestígios estavam no lombo da terra.



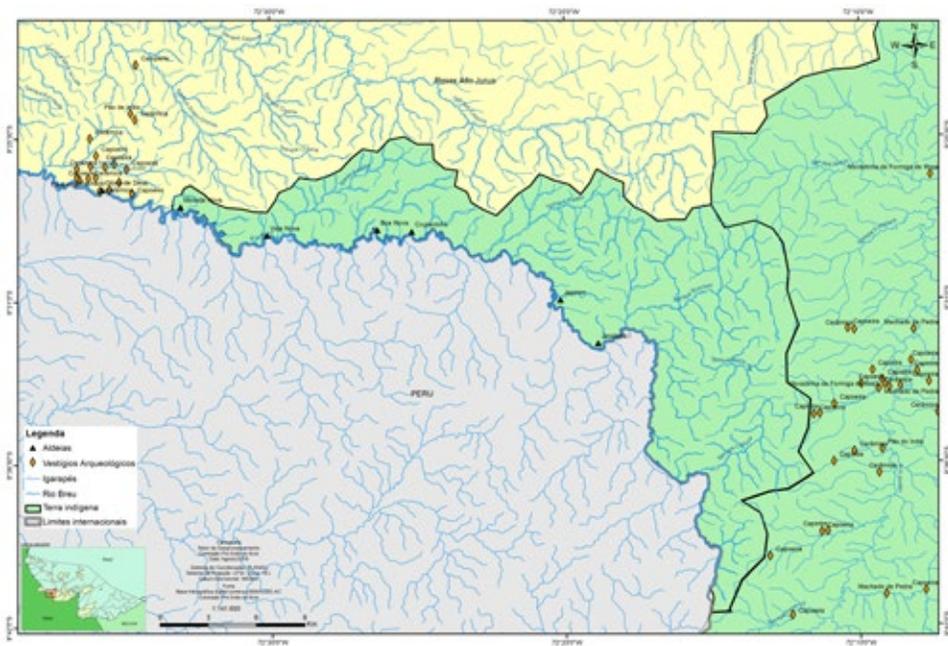
Cerâmicas encontradas a três palmos abaixo da terra – os vestígios no lombo da terra. Foto: José Luís Henrique Maceno Kaxinawa, 2015.



Pedaço de cerâmica encontrado no igarapé Cara Preta – Cerâmica feita pela mãe do José Luís – metodologia de comparar as cerâmicas antigas com as atuais. Foto: José Luís Henrique Maceno Kaxinawa, 2022.



Vestígios Arqueológicos da TI Kaxinawa\Ashaninka do Rio Breu e seu entorno



3. Quem ajudou nessa pesquisa

No meu trabalho foi a minha comunidade que me ajudou, me escolheu para trabalhar como AAFI, me deram essa confiança para eu poder trabalhar. Depois foi a CPI-Acre que me ajudou muito para eu poder alcançar esse trabalho e para poder completar o meu ensino médio. Também todos os professores e professoras que me deram aulas teóricas, práticas e orais. Também o meu pai e minha mãe me ajudaram muito para entender como os parentes preparavam as cerâmicas, faziam esses materiais que a gente acha na forma de vestígios arqueológicos. Também tem os mitos que ajudam, porque dão explicações sobre os vestígios arqueológicos. Eu fiz esse trabalho para poder mostrar aos alunos e divulgar o nosso trabalho para fora.

Quando eu vou pesquisar e procurar os lugares onde tem vestígios eu vou sozinho, uso a medicina e começo a lembrar: “antigamente nós sofriamos, mas não com doenças, só sofriamos com a matéria para produzir o material porque

não tinha como derrubar madeira ou pupunha para fazer flechas. Usávamos dente de paca e de capivara para amolar as flechas. Hoje estamos bem de material, estamos ligados com os brancos”. Outras vezes eu fui pesquisar com o meu filho e também com a minha esposa.

Eu não tenho foto de todo o meu trabalho de pesquisa porque eu adquirei esse material para poder filmar e gravar no mês de abril deste ano de 2022. Voltei para os lugares onde achei vestígios para fazer as fotos agora, antes de vir para o curso. Também em 2019 eu comecei o trabalho como professor, então agora eu não tenho muito tempo para pesquisar. No momento eu estou fazendo os dois trabalhos, de professor e de AAFI. Eu chamo os alunos para fazer a horta orgânica e poder manter a escola. Hoje já estamos comendo as verduras. Até agora não levei os alunos nos lugares onde tem vestígios, mas quero fazer isso quando voltar.

4. Histórias do meu povo que explicam os achados

Esses índios de antigamente moravam mais no olho d'água, na grotta do igarapé, não moravam na beira do rio, moravam a 15 minutos, meia hora do igarapé. Naquele tempo as mulheres não tinham preguiça para ir pegar água no igarapé. Eu achei vestígios perto do igarapé: elas vinham pegar água, escorregavam, caíam e quebravam o pote delas, deixavam esse pote. Eu andava e achava esse pote e pensava: “Nesse lugar moravam índios, então vou procurar!”

Primeiro eu procurava no igarapé, depois eu andava na terra firme, até que achei esse pedaço de vestígio como os machadinhos de pedra, então é verdade que moravam índios aqui.

Nesse tempo não tinha branco, só índios, e nós tínhamos combinação com os animais. A cutia dava o machado dela para os índios poder fazer o roçado dele para comer. A cutia falava para eles: “Eu dou o meu material, mas quando tu faz o roçado eu como também, você não fica com raiva de mim porque eu dei o meu material, mas eu vou comer também, não tenho como fazer”. O pajé não comia muito, não comia muita carne, não comia muita fruta, ele falava com toda a natureza e comia pouquinho. Antigamente nós éramos fortes e guerreiros, depois, quando chegaram os nawa, acabaram com tudo: mataram o pajé, mataram todos. Deixaram só um bocado e esquecemos nosso material

tudinho, mas nós não vamos esquecer a nossa língua, porque a nossa língua é na nossa mente. É só o material que esquecemos e hoje em dia nós estamos com todo o material do nawa. Ficaram os vestígios que nós vamos achando. Tem sinais para poder achar vestígios: os sinais são onde tem muita palmeira, capoeira, esses são sinais e é isso que eu vou identificar no mapa e depois vou fazer a legenda.



Capoeira antiga
Foto: José Luis Bixku



Capoeira antiga
Foto: José Luis Bixku



Capoeira antiga
Foto: José Luis Bixku



Vestígio arqueológico
Foto: José Luis Bixku



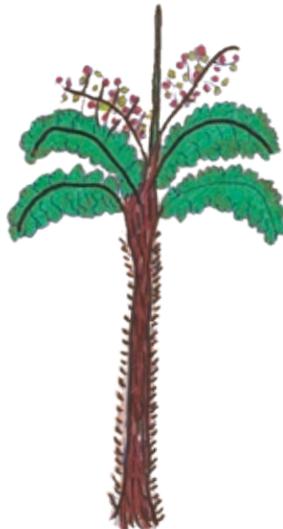
Vestígio arqueológico
Foto: José Luis Bixku

CAPÍTULO 3

Identificação de capoeiras e vestígios arqueológicos

I. Descrição dos vestígios encontrados e mapeados

- **NAWE - Capoeira**
- Durante o período de trabalho na região da pesquisa, foram encontrados cinco tipos de capoeiras diferentes: capoeira de palheira (Nawe Hanu Shêpã mapua), Capoeira com Pão de índio (Nawe Hanu Mai misi), capoeira de chacrona (Nawe Hanu Kawa mapua), capoeira com cerâmica inteira (Nawe Hanu Kêti tsauwa), capoeira muito antigas (Nawe ewani).
- **MAPU - Cerâmica**
- **MÃKÁ RUWE – Machado de pedra**
- **MAI MESI – Pão de índio**
- **SHUMANI NAWANI – Campestre / Sapequeiro**



2. Desenhos de vestígios



Mata virgem onde foram encontrados vestígios de cerâmicas em pedaços



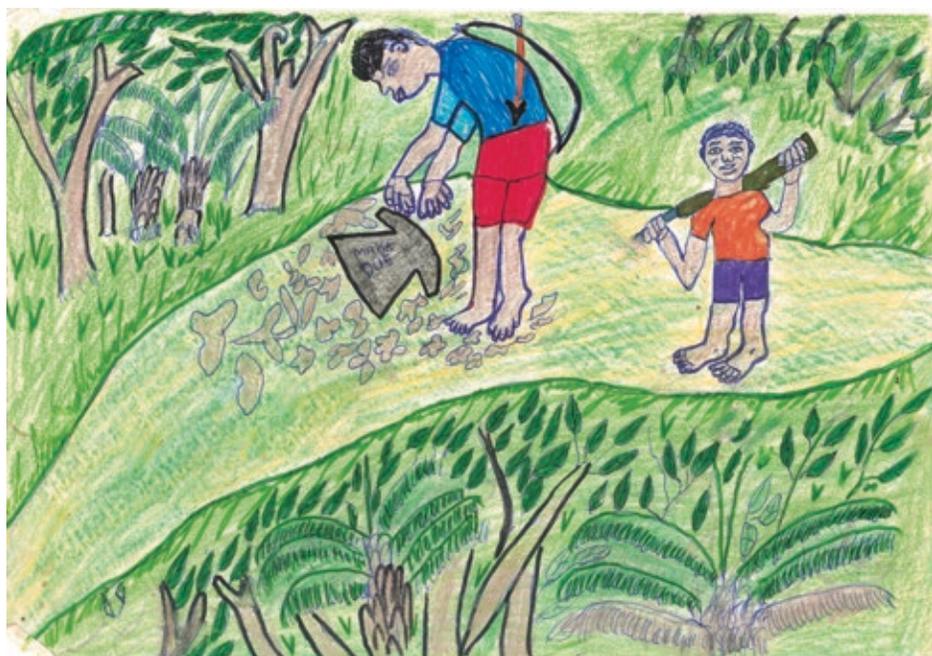
Capoeira antiga, vaso inteiro no Peru



Capoeira de palheiras com vestígios: *itxiush* para fiar o algodão, machadinho de pedra e pedaços de cerâmica



Capoeira, pão de índio e vestígios de cerâmica em pedaços



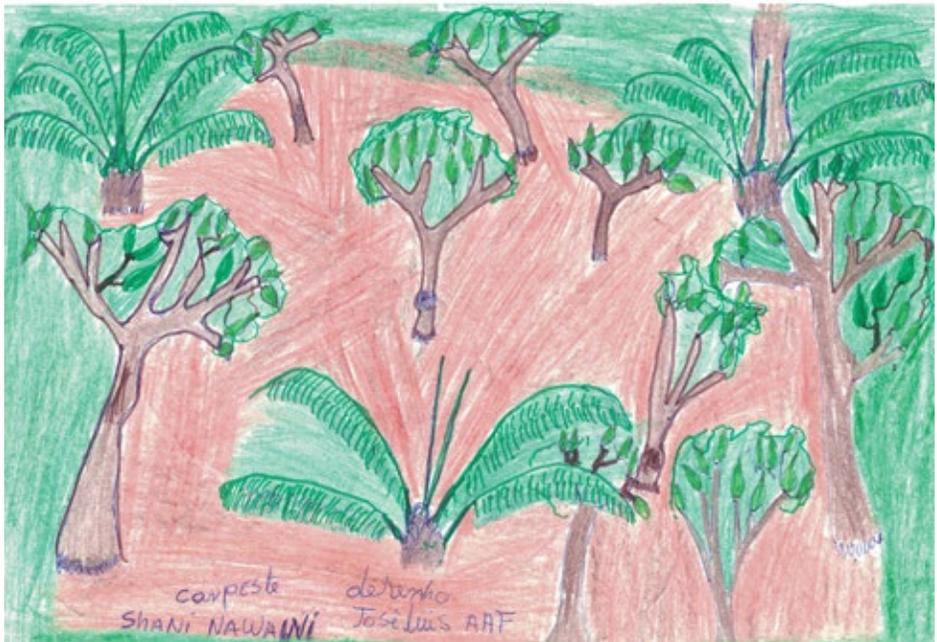
Igarapé Agapu, machado de pedra e pedaços de cerâmica, mākã ruwe e kêtxa pakesh



Três tipos de machados de pedra



Capoeira de chacrona e medicinas



Campeste: Hanu Shumani Nawani

3. Quadros de vestígios arqueológicos

Nawe	Cerâmica	Local	Data	Idade (anos)	Quantidade	Observação
Nawe hanu shêpã mapua	Capoeira de palheira	Bacia do Igarapé Cara Preta	2009	400	03	Encontrado: machadinho de pedra, plantação de palmeira, pedaços de cerâmica.
Nawe hanu mai misi	Capoeira com pão de índio	Afluente do Igarapé do Cocão	2016	Muito antiga	01	Pão de índio e pedaço de cerâmica
Nawe hanu kawa mapua	Capoeira de chacrona	Beira do Igarapé Cara Preta	2008	Muito antiga	1 capoeira	3 tipos de chacrona
Nawe hanu kēti tsauwá	Capoeira com cerâmicas inteiras	No Peru, no afluente do Igarapé Ufé	2009	Muito antiga	01	1 pote inteiro
Nawe ewani	Capoeira muito antiga \ Floresta virgem	Beira do Cara Preta	2014	Muito antiga	01	Muitas plantas medicinais então pode ser lugar de pajé



Nawe	Cerâmica	Local	Data	Idade (anos)	Quantidade	Observação
Kētxa pakesh	Vaso de cerâmica em pedaços	Igarapé Cara Preta	2007 2008		Muitos	Encontrado: machadinho de pedra, plantação de palmeira, pedaços de cerâmica.
		Igarapé Cocão	2013		Muitos	3 tipo de pedaços de cerâmica sem desenho, mas com marcas de unhas na beirinha. Com os pedaços dava para reconstruir o pote inteiro
		Igrapé Agapu	2016		Muitos	Kene Huni Huĩ
		Igarapé de Ofê no Peru	2016		Muitos	Pedaços de cerâmica com desenho de etnia desconhecida
Kēti kuĩ	Pote de cerâmica inteira ou quase inteira	Aldeia São Francisco, Igarapé Cara Preta	2009		01	Pote com Kene, etnia desconhecida
		bacia do Igarapé Cara Preta/ capoeira 1a	2009		01	
		Igarapé Cara Preta	2010		01	Vaso altura 20cm
		Igarapé de ufê no Peru	2016		01	Pote altura 80cm, etnia desconhecida

Mākā ruwe	Machado de pedra	Local	Data	Idade (anos)	Quantidade	Observação
Mākā ruwe bake pexta	Machado de pedra pequeno	Igarapé Agapu	Setembro de 2008		7	Três machados tem para amarrar Quatro machados não têm para amarrar
		Capoeira de palheira	Julho de 2013			
		Aldeia Gloria de Deus	16 março de 2014			
Mākā ruwe ewapama	Machado de pedra médio	Igarapé Buna	Agosto	2011	3	Os 3 têm para amarrar
Mākā ruwe ewapa	Machado de pedra grande	Igarapé Cara Preta	Agosto	2019	4	Os 4 não têm para amarrar

Mai Mesi	Pão de Índio	Local	Data	Idade (anos)	Quantidade	Observação
	Pão de índio E no mesmo lugar pedaço de cerâmica	Cabeceira do Igarapé Cocão	2016	Muito antigo, antes do Kapa Yuxibu (antes do Catipuru entantado)		Eu vi quando estava caçando, eu voltei no lugar para fazer a foto, mas não achei o lugar.

Shumani nawani	Campestre	Local	Data	Idade (anos)	Quantidade	Observação
Um índio pequeno que matou o Huni Kuĩ e o Shumani Nawani transformou em macaco	Campestre (lugar onde não consegue crescer mato) bastante limpo	Cabeceira do Igarapé do Agapó	2006	Muitos anos (época do Shumani Nawani)	Grande e várias pequenas	



CAPÍTULO 4

Conclusão

Esta pesquisa não está terminada, faltam ainda muitas informações sobre as histórias de ocupação dos povos indígena nessa parte do Brasil. Penso que as pesquisas nunca se acabam e pretendo dar continuidade nela. Agora que sou professor e agente agroflorestal, vou convidar os meus alunos para fazer a pesquisa juntos com eles. Esses vestígios são documentos que devem servir para a demarcação de nossa terra.

Hoje em dia, o nawa está falando que nós não temos terra, porém essas marcas deixadas pelos parentes de antigamente mostram que a terra sempre foi nossa. Nós cuidamos da terra, cuidamos da água, dos animais e da floresta. A floresta está cheia de marcas que os povos indígenas vieram aqui, por isso que chamo de Florestas Culturais.

Eu fiz uma pesquisa sobre os vestígios arqueológicos e a natureza viva, porque como o nosso corpo também é a natureza, como a água e a terra tem vida, por isso que eu amo muito essa terra e quero cuidar dela. Como fizeram aqui no Centro de Formação, que antes era uma fazenda e hoje em dia é toda de mata fechada, a floresta foi recuperada.



Cerâmica Humi Kui
Foto: Frank Silva



*Cerâmica Huni Kūi para o uso doméstico.
Foto Paula Romualdo*



COLEÇÃO SABERES DA FLORESTA

Saberes da Floresta é uma coleção de pesquisas interculturais realizadas pelos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre, na área de gestão territorial, como trabalhos de conclusão do Ensino Médio profissionalizante. A edição desses livros apresenta outras formas, igualmente sensatas, de perceber a biodiversidade, além daquelas apresentadas pela ciência ocidental. A Coleção pretende oferecer aos alunos das escolas da floresta e aos indígenas letrados pesquisas realizadas pelos próprios indígenas, valorizando o conhecimento tradicional, mostrando distintos modos de compreender e manejar o mundo.



Realização



Apoio



Eu escolhi fazer essa pesquisa sobre florestas culturais e a arqueologia indígena para minha monografia porque acho que é um estudo importante para os indígenas e também para o mundo de fora. Antes da chegada dos brancos, a gente fazia muitas coisas, muitos trabalhos, agrofloresta, construções de casas, sabia acender o fogo, fazia muita cerâmica, terçado de paxiúba e outros instrumentos. Hoje, o nosso trabalho como AAFI é manter e cuidar da floresta. Se não tem a floresta, a terra vai secar. A floresta mantém a água, faz sombra, não faz muito calor dentro dela, ela ajuda a controlar o clima do planeta. Queremos mostrar o nosso trabalho e queremos que seja reconhecido. Recebemos do Governo um recurso que é uma bolsinha que não dá para nada e dizem que é para nós cuidarmos da floresta. Eu gostaria que essa pesquisa fosse publicada para que as pessoas possam entender meu estudo e meu trabalho.

José Luis Bixku Huni Kuí

